

- Mesa Redonda -

Avaliação Musicoterapêutica com Menores Infratores

MT Sheila Beggiano Volpi

Resumo:

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre o que é a avaliação num trabalho musicoterápico lançando particularmente um olhar sobre os três elementos envolvidos neste: o processo, o cliente e o musicoterapeuta. A partir destas reflexões apresenta-se um breve relato do processo avaliativo desenvolvido num trabalho musicoterápico com menores infratores.

Abstract:

This paper shows some reflections about what assessment is in Music Therapy work giving special attention to the three elements involved in it: the process, the client and the music therapist. From this reflections a brief report is presented of the assessment process in Music Therapy work with offender juvenile.

Quando fui convidada a falar sobre *avaliação* no trabalho que venho realizando com menores infratores, inicialmente pensei em abordar somente aspectos dos procedimentos metodológicos desenvolvidos, bem como as observações obtidas a partir destes procedimentos. Mas enquanto elaborava, ainda sem escrever, o que pretendia falar, *heureka!* como disse anteriormente Arquimedes, percebi que também poderia incluir na minha fala o que a avaliação é para o *musicoterapeuta*, no sentido do que ele está buscando saber não só do cliente mas também instrumentalizar-se para a prática que desenvolverá, bem como o que isto representa para si mesmo, enquanto pessoa e profissional. Vejo que o foco *no musicoterapeuta*, é algo que está sempre muito presente em mim, principalmente por estar envolvida com a formação de musicoterapeutas. Desta forma estarei apresentando neste trabalho a avaliação sob o ponto de vista *do processo, do cliente e do musicoterapeuta*.

Para iniciar vejamos o significado das palavras **avaliação** e **avaliar** encontrado no dicionário Aurélio²:

Avaliação ato ou efeito de avaliar(-se). **Apreciação**, análise. Valor determinado pelos avaliadores.

Musicoterapeuta graduada pela FEMP (atual FAP), com experiência clínica em Saúde Mental, Educação Especial e Menores em Situação de Risco. Trabalha como professora e supervisora de estágios na Faculdade de Artes do Paraná a 12 anos. Atualmente é Coordenadora dos Estágios Supervisionados do Curso de Musicoterapia da FAP.
FERREIRA, Aurélio B. de Holanda, 1988, p.75.

Avaliar determinar a valia ou o valor de. **Apreciar** ou **estimar** o merecimento de. **Calcular**, **estimar**, **computar**. **Fazer** idéia de; **apreciar**, **estimar**. **Reconhecer** a grandeza, a intensidade, a força de. **Determinar** a valia ou o valor, o preço, o merecimento, etc; **calcular**, **estimar**. **Fazer** a apreciação; **ajuizar**: avaliar de causas, de merecimento. **Reputar-se**, **considerar-se**.

É interessante notar que na definição trazida por Aurélio refere-se a avaliar e **avaliar-se**, o que vem ao encontro com o que também vou abordar neste artigo: a avaliação permite ao musicoterapeuta avaliar-se.

O approach Nordoff-Robbins tem a seguinte visão de avaliação:

As respostas musicais do cliente servem como fonte de dados para a avaliação e evolução. Eles achavam que o cliente revela aspectos saudáveis e patológicos de sua condição psicológica e de seu desenvolvimento através da música e respostas pessoais dentro da situação de improvisação. As respostas musicais incluem "em que extensão a criança pode fazer música, como ela faz isto, e o que fazer música significa para ela", enquanto suas respostas pessoais incluem reações subjetivas para a improvisação musical do terapeuta.

Como a criança responde para os vários elementos da música improvisada, ela forma um "quadro musical" que revela a sua personalidade inteira.

O objetivo da avaliação e evolução em Musicoterapia Criativa é coletar informações que serão clinicamente utilizadas. Isto é, os dados musicais colhidos sobre o cliente serão destinados a ter significado prático na direção do curso da terapia. De acordo com Nordoff e Robbins, observando e gravando as respostas dos clientes dentro da situação de improvisação fornece um mapa da "geografia musical" do cliente que torna possível ao terapeuta achar e abrir um canal de comunicação. Além disso, a mais útil avaliação revela dados da prontidão do cliente para várias experiências terapêutico-musicais e fornece indícios práticos que ajudam o terapeuta a criar improvisações que evocarão respostas terapêuticas.

*Avaliação em Musicoterapia Criativa pode também fornecer informações que tem significado diagnóstico, etiológico, ou teórico, contudo, isto não é o objetivo primário. Por esta razão, interpretações psicológicas e explicações do cliente tem sido feitas geralmente evitando e suplantando por depoimento meramente descritivo com relação a sua comunicabilidade musical.*³

Pode-se perceber que o eixo central da avaliação em Musicoterapia Criativa é conhecer o cliente musicalmente, visto que o trabalho terapêutico se desenvolverá **musicalmente** através da improvisação

2 - FERREIRA, Aurélio B. de Holanda, 1988, p.75.

3 - BRUSCIA, Kenneth, 1987, p.13.

musical. Isto nos indica que a forma de avaliar ou aquilo que o musicoterapeuta considera importante investigar no período avaliativo está diretamente relacionado com o enfoque, a linha de seu trabalho.

Em Bruscia encontramos uma visão mais ampliada do que seja avaliação:

*“avaliação é um processo pelo qual um terapeuta coleta e analisa informações sobre um cliente que julga necessário para planejar e realizar um programa efetivo de tratamento. Uma avaliação pode levar/induzir a hipóteses específicas sobre a natureza e causa da condição diagnóstica do cliente, ou pode levar a um grande insight dentro da personalidade, problemas, necessidades, recursos e potenciais do cliente. Todas estas informações ajudam o terapeuta a traçar uma direção para a terapia enquanto também determina o que será a estratégia mais efetiva de tratamento”.*⁴

Eu complementaria esta definição de Bruscia acrescentando que a avaliação é um processo que se desenvolve em três estágios: inicial, periódico e final. Nestes três estágios avalia-se o cliente e o desenvolvimento do processo terapêutico deste.

No primeiro estágio, a Avaliação Inicial, é onde e quando se coletam as informações que sejam pertinentes ao planejamento e desenvolvimento do trabalho terapêutico. É neste estágio que se realiza a Testificação Musical; o preenchimento da Ficha Clínica Musicoterápica, a partir das observações feitas na Testificação Musical; e o preenchimento da Ficha Musicoterápica, bem como a leitura de prontuários. É o que se refere a definição acima, de Bruscia.

O segundo estágio, refere-se as Avaliações Periódicas que são efetuadas durante o processo musicoterápico. Estas avaliações são importantes, pois, possibilitam a continuidade do trabalho ou um redirecionamento do mesmo, mostrando o progresso ou não do tratamento. Estas avaliações são feitas baseadas nos relatórios de sessões, observações do musicoterapeuta e do cliente/família e, ainda, do material gravado, se por ventura este existir.

E finalmente, o terceiro estágio diz respeito à Avaliação Final, ou seja, o momento avaliativo que leve ao encerramento do processo musicoterápico, baseado em todas as informações referentes ao trabalho terapêutico desenvolvido e considerando-se a evolução deste. Este último estágio pode derivar-se do estágio anterior, quando em uma avaliação periódica julgue-se necessário por um motivo considerado importante, encerrar o tratamento.

Além disto, a avaliação pode ser vista ainda sobre um outro elemento envolvido no processo musicoterápico: **o musicoterapeuta.** O

4 - Ibid, p. 34-35.

quê, para quê e como, o musicoterapeuta desenvolve cada estágio do processo e com que clareza, não pode deixar de ser considerado como relevante em cada etapa. Seja em que estágio o musicoterapeuta se encontre ele pode estar avaliando-se e avaliando aquilo que está fazendo.

Penso também que não se pode deixar de estar atento aos sentimentos, sensações e impressões que afloram durante cada momento do processo. Como isto reflete no trabalho e como se lida com isto.

Ainda sob o ponto de vista do musicoterapeuta, a avaliação é um período em que este vai percebendo o que precisa ir buscar, como por exemplo: repertório musical, conhecimento do linguajar do cliente/grupo, assim como os conhecimentos teóricos necessários que ajudem na compreensão do(s) indivíduo(s) em questão.

O quadro abaixo permite visualizar o que foi dito até agora.

Processo	Avaliação Inicial	Avaliações periódicas	Avaliação final
Cliente	<ul style="list-style-type: none"> - Coleta de informações (história de vida e sonoro musical), leitura de prontuários - Testificação Musical - Ficha Musicoterápica - Ficha Clínica Musicoterápica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Através dos relatórios das sessões, filmagens e gravações possibilita avaliar a evolução do trabalho musicoterapêutico permitindo um redirecionamento do tratamento, quando necessário ▪ Pode ser feita através de contatos com a família ou com o próprio cliente 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliação da evolução do trabalho terapêutico e o encerramento deste ▪ A avaliação final pode ser baseada em uma avaliação periódica que indique o término do trabalho.
Musicoterapeuta	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Primeiras impressões ▪ Contato com a clientela 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentimentos, sensações e impressões ▪ Avaliações constantes sobre sua condução no trabalho, bem como estar atento a sua postura diante do cliente e do processo 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Avaliação de sua atuação no processo realizado ▪ Que crescimento pessoal e profissional o trabalho possibilitou

Partindo desta breve explanação para demonstrar como entendo avaliação no processo musicoterapêutico, apresentarei brevemente o trabalho que venho desenvolvendo com menores infratores, mais especificamente sobre a avaliação desenvolvida junto a esta clientela. Este trabalho é um projeto de pesquisa⁵ desenvolvido pelo Departamento Técnico Científico da Faculdade de Artes do Paraná sendo coordenado pela professora e musicoterapeuta Sheila Beggato Volpi - em convênio com uma Casa de Semi-Liberdade de Curitiba⁶. Atuam neste projeto a referida musicoterapeuta e dois alunos⁷ do curso de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

Depois dos trâmites legais para aprovação do projeto, iniciou-se a fase de planejamento do trabalho a ser desenvolvido.

Os trabalho teve início em agosto do ano dois mil e dois, e os

5 - Por ser um projeto de pesquisa todas as entrevistas foram gravadas em fita K7 e as sessões estão sendo gravadas em VHS.
 6 - Esta Semi-Liberdade abriga menores que cometeram algum tipo de ato infracional, e necessitam cumprir a pena em regime de semi-liberdade.
 7 - Os alunos participantes da pesquisa são Carine Leite Ávila e Glauber Benetti Carvalho.

atendimentos vem sendo realizados na Faculdade de Artes do Paraná e também na casa onde eles moram. A modalidade de atendimento é somente grupal.

Os protocolos iniciais estabelecidos foram:

- Entrevista inicial para conhecer a história sonoro-musical, pessoal, familiar e de perspectiva de futuro de cada adolescente;
- Preenchimento da ficha musicoterápica;
- Preenchimento da ficha clínica;
- Entrevista de desligamento (não executado porque não havia tempo hábil para a entrevista, pois freqüentemente quando tinha-se conhecimento do desligamento este já havia ocorrido)

Os grupos foram estabelecidos por sugestão da direção da casa, levando-se em conta as afinidades existentes entre os membros. Este critério foi acolhido pela equipe musicoterapêutica, visto que não havia conhecimento anterior nenhum sobre estes adolescentes, e avaliou-se que este poderia ser um critério facilitador para o trabalho.

Quanto ao desenvolvimento dos protocolos iniciais estabelecidos foram feitas as entrevistas iniciais e o preenchimento das fichas foi acontecendo durante o decorrer dos atendimentos.

A entrevista inicial possibilitou conhecer um pouco sobre quem era esta clientela que seria atendida, o que é apresentada brevemente a seguir:

- todos são adolescentes que cometeram algum ato infracional e estão cumprindo pena em regime de semi-liberdade. A idade destes adolescentes varia de 14 a 19 anos, bem como o tipo de delito cometido: furto, assalto a mão armada, seqüestro relâmpago, posse de substâncias tóxicas, porte ilegal de arma, tentativa de homicídio, estelionato, lesão corporal, estupro e homicídio;
- aproximadamente oitenta por cento destes adolescentes são reincidentes em infrações;
- quase a totalidade não possui núcleo familiar completo;
- alguns deles já moravam na rua, sozinhos, em casas de abrigo ou em mocós;
- noventa e nove por cento fazem uso de drogas ou álcool;
- o nível sócio-econômico é baixo;
- o nível de escolaridade é baixíssimo e grande parte já havia perdido contato com o ambiente escolar há algum tempo;
- o estilo musical preferido da maioria é o RAP, seguido de dance, rock, pagode e samba;
- apresentaram alguns rechaços musicais ao forró, sertanejo, vanerão, axé, MPB, pagode

- pouco contato anterior com os instrumentos. Alguns tiveram aulas de música no Educandário
- quanto a perspectiva de futuro a maioria não tem nada muito definido, ou nem pensa nisto.

Após as entrevistas, junto com a direção da casa, organizaram-se os grupos. O trabalho vem sendo desenvolvido somente em grupo no início três e posteriormente dois, em função da redução no número de participantes.

Nas primeiras sessões pode-se observar as escolhas instrumentais e preferências; a iniciativa ou falta desta ao tocar e ao escolher um instrumento; a (des)organização rítmica de cada um, a resistência e desconfiança. Também se pode observar como tocam numa proposta dirigida ou espontaneamente; um pouco do repertório de canções, o que foi nos mostrando musicalmente quem era cada um deles, mesmo que o trabalho fosse o tempo todo em grupo. Por este fato, estava começando a apresentar-se como era a produção musical do grupo.

A partir disto foram traçadas propostas de trabalho, que consistia basicamente nos seguintes objetivos:

- desenvolver uma escuta musical que possibilite tocar com o outro;
- proporcionar a expressão de sentimentos ou facilitar esta expressão através do musical;
- perceber a importância do respeito por si mesmo e pelo outro;
- melhorar a auto-estima
- despertar o compromisso para com o grupo e com a musicoterapia;
- respeitar limites;
- e especialmente conseguir desenvolver uma relação terapêutica, embasada na confiança.

O quadro a seguir mostra resumido e amplamente o trabalho desenvolvido com esta clientela.

Processo	Avaliação Inicial	Avaliações Periódicas	Avaliação Final
	<ul style="list-style-type: none"> - Protocolos: - Entrevista Individual - Ficha Musicoterápica - Ficha Clínica Musicoterápica - Leitura de prontuários - Testificação Musical (primeiras sessões) 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem sido discutido freqüentemente o desenvolvimento do trabalho, baseado nas gravações feitas. - Ao retorno do recesso das férias e durante o preenchimento das fichas, fez-se uma avaliação dos atendimentos realizados até então. 	<ul style="list-style-type: none"> - O trabalho ainda está sendo realizado
Cliente	<ul style="list-style-type: none"> ■ Possibilitou conhecer a clientela por sua: Faixa etária Estrutura familiar Situação sócio-econômica Escolaridade Expectativa quanto ao futuro Preferências e rechaços musicais Contatos anteriores com instrumentos Tipo de delito cometido 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Mudanças ou não no fazer musical individual e do grupo. ■ Mudanças no comportamento e postura de cada um e do grupo. 	

<p>Musicoterapeuta</p>	<p>Entrar em contato com uma clientela pouco conhecida. Clientela – linguajar particular e totalmente desconhecido Música – estilo musical predominante – rap – pouco familiar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Em muitos momentos nos sentimos fora e distante do grupo, por não conseguir entender o jargão utilizado por eles. Neste momento nossa condição era marginalizada, ou seja, estávamos à margem de, não pertencentes a este grupo. ▪ Musicalmente isto também ocorria, quando cantavam RAPS que não conhecíamos e virávamos platéia, não conseguindo interagir musicalmente com eles. ▪ Grande sensação de impotência em transpor a barreira da desconfiança e da proteção que eles colocavam ante a equipe terapêutica. Isto progressivamente foi melhorando. ▪ Desperta freqüentemente inquietação humana, política, cultural e sócia. 	
------------------------	--	---	--

É importante não perder de vista que estamos trabalhando com seres humanos e que na verdade a avaliação nada mais é do que uma tentativa de conhecermos um pouco as pessoas que estamos no propondo a ajudar. Dizer que o cliente tem ritmo ou não, se é afinado ou não, não pode ser mais importante do que a visão de totalidade deste ser. Não podemos cometer o erro de esfabela-lo olhando somente o que ele produz musicalmente, mas entender que o que ele está tocando ou cantando **é ele**.

Trabalhar com estes adolescentes fez surgir muitas inquietações. Fala-se que a adolescência é um período de transição onde o adolescente vive uma crise existencial, tendo que elaborar a perda da infância e adentrar no mundo adulto. Pergunto-me várias vezes se estes rapazes com quem estou trabalhando tiveram efetivamente uma infância no sentido do acolhimento, do atendimento as suas necessidades básicas, do brincar saudavelmente, dos referenciais de figuras parentais. Com alguns deles tenho a impressão que não, então, que perda da infância eles estão tendo? O que eles estão deixando para trás? Muito provavelmente a infância que eles estão “perdendo” é bem diferente da infância que eu deixei para trás, bem como, a que muito de vocês também deixaram.

A avaliação, principalmente a entrevista inicial mostrou que em algum momento da vida destes jovens eles foram vítima e vitimador. Vítimas: da falta de estrutura familiar, de carinho, afeto, orientação, de oportunidades, entre outras coisas. Vitimador no momento que cometeram o delito e que também colocaram outros seres humanos na condição de vítima.

Quanto às questões musicais tenho visto freqüentemente neste trabalho que no atendimento grupal tocar **ao mesmo tempo** que o outro não é o mesmo que tocar **junto** com o outro, ouvindo o que o outro está tocando e partilhando musicalmente este tempo.

Este trabalho ainda não está concluído, o que indica que muitas questões, observações e possíveis respostas estão para se apresentar.

Referências Bibliográficas

BRUSCIA, Kenneth. *Improvisational Models of Music Therapy*. Springfield: Charles C. Thomas, 1987.
 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
 OLIVEIRA, Vera Barros, BOSSA, Nádia Aparecida (org). *Avaliação psicopedagógica do adolescente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.